Imitando a natureza para produzir mais

Pecuária regenerativa propõe manejo com lotações altíssimas e "instantâneas", que adubam naturalmente as pastagens e aumentam matéria orgânica do solo



Aline Kehrle com o marido, Marcos Spinella na área que foi manejado com lote ultradenso até outubro

MANUEL JÚNIOR

RENATO VILLELA
renato.villela@revistadbo.com.br

Todos os anos, milhares de gnus (espécie selvagem pertencente à família dos bovídeos), deixam para trás as planícies do Serengeti, na Tanzânia, e partem rumo ao Parque Masai Mara, no Quênia, iniciando a chamada "grande migração". Sentindo o cheiro da chuva, seguem o instinto em busca de relvas mais verdejantes e deixam pra trás pastagens já adubadas, prontas para um novo ciclo de regeneração. Observando esse comportamento, o biólogo Allan Savory, que cresceu "detestando a pecuária", passou a defender o uso do gado para mimetizar (imitar) a natureza e, assim, reverter processos de desertificação em várias partes do globo, por meio do que ele chama de "pecuária regenerativa". Suas ideias têm conquistado adeptos em dezenas de países, incluindo alguns da América do Sul, como Uruguai, Argentina e Brasil.

Segundo o Instituto Savory, com sede no Colorado, EUA, mais de 13 milhões de hectares de pastagens degradadas no planeta já estão sendo recuperadas por meio da pecuária regenerativa. A meta é atingir 1 bilhão de ha até 2025, com o estabelecimento de 100 *hubs* (propriedades que funcionam como polos difusores) espalhados pelo mundo. No Brasil, não se tem informações sobre o número de adeptos do sistema, mas um breve levantamento feito por ***DBO*** listou pelo menos sete propriedades que adotam alguns princípios de Savory. Duas foram escolhidas para esta reportagem (Agropecuária Kehrle, em TO, e Fazenda Triqueda, em MG), porque mergulharam "de cabeça" na proposta. A tendência é de expansão. Recentemente, o Grupo Luxor, do RJ, por exemplo, anunciou a montagem do Projeto Pasto Vivo em Pontes e Lacerda (MT), até 2022, uma experiência com pecuária regenerativa em sistema silvipastoril que terá o fundo holandês Meraki Impact como parceiro e orçamento inicial de R$ 5 milhões.

Bases do sistema

Savory criou o conceito de pecuária regenerativa após uma experiência traumática. Quando trabalhava como consultor em um parque no Zimbábue, na década de 50, ele recomendou o sacrifício de 40.000 elefantes na

ARQUIVO AGROPECUÁRIA KEHRLE



tentativa de reverter a degradação do solo na reserva, que imaginava ser decorrente da superpopulação de animais. "Foi o maior erro da minha vida", afirmou em sua famosa palestra TED Talks, que já soma 7,2 milhões de visualizações. Após o triste episódio dos elefantes, Savory decidiu dedicar sua vida à busca de soluções para reverter a desertificação, que estima estar presente em dois terços do globo. Concluiu que os dejetos deixados pelas manadas fertilizam o solo e as gramíneas pisoteadas lhe garantem boa cobertura, o que possibilita rápida recuperação das forrageiras.

"Se não houvesse o pastejo, o capim ficaria em pé e não se decomporia biologicamente no solo. Em vez disso, sofreria oxidação, processo lento que abafa e mata as pastagens, deixando o solo nu", explica o biólogo na palestra. A partir dessa constatação, que chama de "jornada de reeducação e descoberta", Savory passou a defender o uso do gado como forma de combater a desertificação, que acredita ser uma das causas das mudanças climáticas no planeta. "Não resta outra saída para a humanidade. Temos de utilizar os rebanhos e o pastejo planejado como forma de mimetizar a natureza. Assim o solo estará pronto para absorver e reter a água da chuva, armazenar carbono e quebrar as moléculas de metano", diz na palestra.

O conceito de pecuária regenerativa tem, portanto, dois grandes pilares: o pastejo planejado de alto impacto (até 3.000 cabeças/ha) e a gestão "holística" (sistêmica) da atividade, com respeito aos ciclos naturais e uso de práticas conservacionistas. Savory preconiza uma relação harmoniosa solo-pastagem-gado, como o francês André Voisin, em cujos livros buscou respaldo técnico, mas idealizou um sistema baseado em altas "densidades" de pastejo (taxa de lotação) e menor tempo de permanência nos piquetes. Filipo Fernando Bouzon Leta, representante do Instituto Savory no Brasil, salienta que Voisin criou seu modelo em áreas com umidade mais constante, enquanto a proposta de Savory partiu de regiões áridas ou com precipitação bem delimitada. "Nessas condições, a manutenção da umidade do solo, fundamental para o funcionamento do ecossistema, depende de uma grande concentração de fezes/urina, por isso as altas lotações", explica.

Proposta é replicar o comportamento de manada dos animais selvagens

Pioneirismo e ousadia

A veterinária Aline Kehrle, 37 anos, estava na Alemanha em 2013, fazendo doutorado em reprodução animal, quando assistiu a TED de Savory, recomendada por um amigo. Ficou tão fascinada com a proposta que decidiu interromper o curso e arrumar as malas. "Era uma mudança de paradigma, porque o gado sempre foi visto como vilão do meio ambiente. De repente, percebi que era possível usá-lo para melhorar a fertilidade da terra, de maneira ecológica, aumentando a longevidade do sistema pecuário, sem uso de adubos ou corretivos", conta. Seis meses depois desse *insight* – que ela chama de "momento eureca" – já estava de volta ao Brasil para trabalhar na fazenda da família, a Agropecuária Kehrle, em Aliança do Tocantins, onde montou um dos primeiros projetos de pecuária regenerativa com gado de corte do País.

Aline começou fazendo as mesmas perguntas que todos fazem quando se deparam com os conceitos de Savory: Como isso funciona na prática? De que tamanho deve ser o lote? Como se maneja o pasto? Lotações muito altas não vão prejudicar o capim? A movimentação fre-



"A pecuária é fundamental para barrar a desertificação"

Alan Savory, biólogo que estabeleceu as bases da pecuária regenerativa

quente dos animais não gera estresse? A equipe vai se adaptar ao novo sistema? Como se faz com a água? Hoje, essas perguntas são feitas por produtores curiosos, que querem saber mais sobre o manejo regenerativo, tão diferente do adotado em suas fazendas. Aline a todos responde com paciência, frisando as vantagens do sistema: aumento do potencial produtivo das pastagens, aumento da biodiversidade, menor dependência de insumos e gestão holística, que ela pratica em seu dia a dia, observando cada detalhe da natureza (*veja diário ao lado*).

Se você está curioso quanto ao funcionamento desse tipo de manejo, aguente mais um pouco. Explicaremos tudo isso adiante. Primeiro, vamos terminar de contar a trajetória de Aline, que pode ajudar quem está começando na pecuária regenerativa. A Agropecuária Kehrle pertence à família da produtora desde os anos 80. Tem 5.000 ha e dedica-se à cria em 3.200 ha de pastagem, onde mantém um rebanho entre 4.000 a 3.200 cabeças, dependendo da época do ano, sendo 2.000 matrizes Nelore. Quando Aline voltou da Alemanha, a primeira providência que tomou foi estudar o mapa da fazenda para planejar o novo manejo e iniciar sua gestão holística ou sistêmica. Viu que os pastos eram grandes (até 120 ha) e os lotes numerosos, mas começou organizando as instalações e os protocolos de IATF (inseminação artificial em tempo fixo).

Somente na seca de 2014, já com a ajuda do marido, Marcos Henrique Spinella, decidiu pegar uma área de 100 ha e iniciar seu projeto piloto. "O pasto era comprido, com um dos lados voltado para a represa, então, a questão da água estava resolvida. Decidimos dividi-lo em três piquetes com cerca elétrica móvel e ir agrupando os animais aos poucos. Colocamos as vacas paridas, depois as fêmeas de recria, até formar um lotão de 2.574 animais", conta Marcos, que é engenheiro elétrico, foi executivo de multinacional, mas abandonou tudo para fazer estágio em permacultura na Austrália, se especializando em manejo de água. Foi montando um projeto hidráulico na Kehrle que conheceu Aline. No primeiro módulo de pecuária regenerativa, eles deixavam o "lotão" consumir todo o capim do piquete (7-8 dias de pastejo), depois baixavam a cerca e mudavam os animais para o piquete seguinte. "Foi um alívio ver que o gado mantinha bom escore corporal. Estávamos no caminho certo", conta a produtora.

Aprendendo com os erros

Manejar um lote tão grande (2.574 cabeças ou 1.500 UA) de um pasto para outro, não é coisa corriqueira. Podem surgir problemas. A cerca elétrica, por exemplo, não funcionou bem, devido a erros na instalação e dificuldades de monitoramento, pois o projeto ficava distante da sede. Os vaqueiros, com muitos anos de casa, também se assustaram com a novidade; disseram que aquilo não iria dar certo. Além disso, houve percalços no manejo do gado. "Tocávamos os animais a cavalo e, numa das vezes que fomos mudá-los de piquete, os animais passaram pela porteira correndo, sem controle. Na confusão, um bezerro

Diário de Aline



Aline, com a filha Annevi, sua companheira de caminhadas na fazenda

Domingo

Fomos à maternidade tatuar os bezerros. Como houve um entrevero no lotão, amanhã precisaremos de mais tempo. Notei que há caminhos de cupim novos na estrada, entrando na palhada, provavelmente refazendo algumas casas que o rolo-corrente arrancou e aproveitando a maior quantidade de matéria orgânica no solo.

Segunda

Os bezerros estão nascendo muito bons de biotipo. Gado manso. Passei no pé de manga rosa que este ano produziu, e colhi algumas para Annevi experimentar. Manga pequenina, mas faz jus ao nome, cheiro e gosto de rosas, embora eu nunca tenha comido rosas... Fui ver a rebrota do ultradenso, está muito bonito, mas ainda não pode entrar com gado. Chuva atrasada 30 dias. Vou colocar a maternidade para rodar no pasto mais resiliente e que já esteja com rebrota capaz de aguentar pastejo.

Terça

Hoje, foi um dia muito abafado, pouco vento e nublado. Notei que onde ficava o pivô, algumas sambaíbas estão nascendo! Bom sinal de retomada de complexidade do solo! Estou feliz com o ultradenso, mas preocupada com as chuvas. Eu e Marcos retomamos o planejamento da semana no quadro branco, para melhorar a dinâmica na transição. Essa é uma prática diária que eu gosto muito. Besouros. Besouros* everywhere. *Os rola-bosta devem estar por toda parte também.

Quarta

Hoje foi dia de planejar a estação de monta. Pensar nos ciclos naturais como forma de guiar nossas decisões é* life changing. *Como a natureza faz? Como agir como a natureza? Quando nascem os filhotes? Por quanto tempo estar vazia é o estado normal de uma fêmea? E como encaixar tudo isso em uma agenda de trabalho? Confesso que eu adoro planejar a estação de monta.Acho que é a única coisa que eu gosto de planejar, rsrs Saudades de andar descalça na estrada com Annevi. Coisas de gente doida.

Quinta

Hoje fui olhar o terceiro pasto do ultradenso, para onde foi a maternidade. A rebrota do primeiro piquete está simplesmente um espetáculo. A palhada toda protegendo o solo, os animais agradeceram muito, pois estava muito difícil sem nada de chuva.Tem muito esterco no chão. Está tudo meio atrasado, nem as garças vaqueiras foram embora ainda, pequi caindo agora, caju faz duas semanas... Como as vacas vieram andando ontem de um pasto mais distante, houve muita parição.

Sexta

Hoje, o dia estava bonito para "fazendar". Aliás esse é um verbo que eu vou inserir no dicionário português: fazendar. Me faz falta o* "to farm". *Reparei que o sal esta sobrando no cocho, porque o gado já está atrás do verde. Isso piora a condição corporal. Assim que começa, é hora de mudar o suplemento.

Sábado

O Andropogon está brotando muito bem onde foi passado o rolo corrente, já no período seco. Está patinando onde foi passado na transição. Anotação mental. Passar o rolo corrente é igual usar ultradenso, se não puder fazer um ultradenso melhor, não passar o rolo. A raiz tenta brotar de novo e fica sem reservas e não dá tempo de recuperar para a seca.





FOTOS: MANUEL JÚNIOR

A equipe de vaqueiros aderiu ao novo manejo, que é mais fácil com cerca elétrica.

morreu pisoteado. Foi um choque para mim, fiquei muito chateada", lembra Aline.

O incidente mostrou a necessidade de entender melhor o comportamento animal. "Fui atrás do manejo 'Nada nas Mãos' para saber como se comporta um lote tão grande e aprender a movimentá-lo sem correira", conta a produtora, que hoje adota esse sistema. Outro dissabor vivido pelo casal aconteceu em uma área de pastagem recém-reformada. "O capim estava lindo e colocamos o gado. À noite, choveu torrencialmente na fazenda. No dia seguinte, o piquete parecia uma cerâmica, pois o sol secou a lama que havia se formado com o pisoteio dos animais. Foi um erro grotesco da nossa parte, mas também um aprendizado", relembram.

Nos anos seguintes, Aline e Marcos trabalharan com manejo em pastos fixos, devido à dificuldade de domínio da cerca elétrica. Somente na seca de 2020, após ter perdido toda a produção de sorgo para silagem e ficar sem alternativa para alimentação dos animais, decidiu usar um novo sistema de eletrificação e o *Ultra High Density Grazing (UHDG),* pastejo ultradenso, que gera o efeito-manada preconizado por Savory. Veja como funciona a seguir.

Pastejo ultradenso: 1.517 UA/ha

Um vídeo feito por Marcos Spinella, com drone, de uma enorme boiada Nelore se movendo lentamente de um piquete a outro, como uma revoada de pássaros, viralizou nos grupos de whatsApp. Ele ilustra bem o manejo ultradenso ou UHDG que a produtora usou entre agosto e outubro deste ano (*aguarde o Programa* ***Revista DBO em Foco*** *sobre o tema no Portal DBO*). A taxa de lotação usada foi altíssima, sem parâmetros no Brasil: 1.517 UA (2.369 cab) por hectare, ante 50-60 UA/ha do manejo "denso", que Aline vinha realizando até então.

Como esse "mar de gado" coube em um hectare? Simples, o manejo ultradenso foi montado em uma área de 250 ha (a produtra já está estruturando outros 400) divididos em faixas de pastejo estreitas, com ajuda de cerca elétrica. Cada faixa foi fracionada em piquetes de 1,5 a 3 ha cada (100 no total da área). À medida que o gado comia e pisoteava o capim disponível (na pecuária regenerativa, esse pisoteio é desejável), o manejador ia movendo a cerca para frente e abrindo outro talhão para consumo. O gado é conduzido a pé, por dois ou três vaqueiros.

Ocupação "instantânea"

Segundo Spinella, a ocupação é praticamente instantânea (dura poucas horas), exigindo pelo menos três movimentações diárias do gado. Isso garante descanso de 60 dias por piquete, no caso do Marandu, e 45-50, no caso do



ARQUIVO AGROPECUÁRIA KEHRLE

Vista aérea da "manada" de bovinos trocando de piquete

Andropogon, que rebrota mais rápido. No manejo denso, tem-se 3-7 dias de uso por piquete e 30-40 dias de descanso. A cerca elétrica é estratégica. "Temos, agora, um bom eletrificador, aterramento adequado, hastes de fibra de vidro (que facilitam tanto o transporte quanto a recolocação) e fio eletroplástico, que pode ser recolhido ou estendido com ajuda de um carretel. Não tivemos mais problemas com cerca", informa Marcos.

Esse sistema adensado de pastejo (que o casal vinha experimentando em menor escala desde 2014) já é difundido há tempos por dois papas da pecuária regenerativa, "gurus" do casal: Johann Zietsman, hoje morando em Zâmbia, reconhecido como o primeiro a fazer manejo ultradenso no mundo, e Jaime Elizondo Braun,

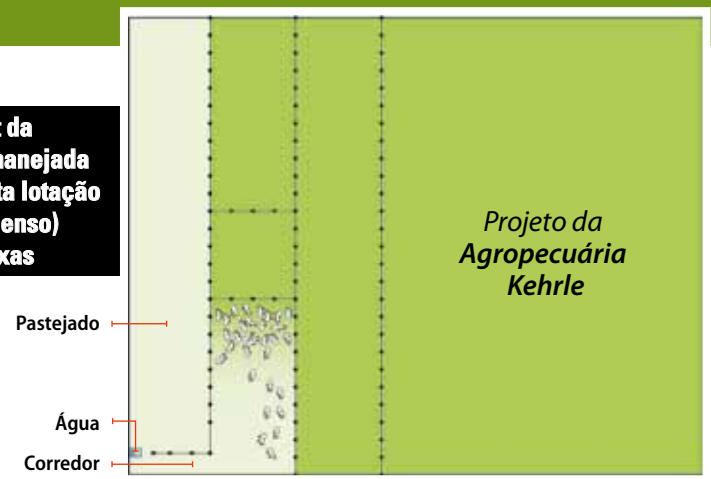
do México. Para eles, o importante, no ultradenso, não é a quantidade de animais que se trabalha, mas a pressão de pastejo. "A regra é: use a maior lotação/ha possível, no menor tempo possível", diz Aline. Voltando às perguntas do começo da reportagem, não há tamanho definido de lote, isso depende, segundo ela, da realidade do produtor.

E a movimentação constante, não gera estresse no gado? "Sempre há algum nível de estresse, mas procuramos conduzir os animais com calma. Eles já estão mais mansos e acostumados com o manejo", salienta a produtora. *E os funcionários, se adaptaram ao novo sistema?* "Prefiro que eles próprios respondam", diz a produtora. Edvan Pinheiro, vaqueiro da propriedade que acompanhou o processo desde o início, garante que a equipe já "pegou o jeito" e fica contente de ver a fartura de capim na fazenda, mas explica que a desvantagem do ultradenso é a maior competição pelo cocho no lote grande, que pode dificultar o acesso dos animais jovens ao suplemento mineral. A vantagem é que o agrupamento facilita a observação do gado. Aline já está estudando estratégias para resolver o problema da dominância.

Manejo do capim

Voltemos às perguntas. *Lotações tão altas não prejudicam o capim?* No ultradenso (UHDG), não se observa a altura do pasto para entrada dos animais no piquete, mas a morfologia das touceiras, que devem estar bem formadas, com as folhas "bandeira" (primeiras que brotam após a desfolha) começando a amarelar, entrando no processo de senescência (envelhecimento). Com uma taxa de lotação tão alta, não tem pastejo seletivo. Os animais comem até fedegoso, malícia (popularmente conhecida como dormideira) e malva branca, plantas consideradas invasoras, mas que não são problema na pecuária regenerativa. *Essa alta pressão de pastejo não prejudica o desempenho animal?* "Nosso foco é o sistema, porém monitoramos constantemente os animais, por meio de seu escore corporal. Se notamos algum problema, ajustamos a oferta forrageira. Essa tomada de decisão é diária", explica o casal.

Layout da área manejada sob alta lotação (ultradenso) em faixas



Segundo eles, o animais são retirados do piquete quando o capim está "no chão", ou seja, bem pastejado e com as folhas velhas pisoteadas, formando uma cobertura sobre o solo. "Assim como na agricultura, a palhada é importante para a pecuária", pontuam. A grande quantidade de fezes e urina acumulada após o pastejo, somada às folhas secas, compõem a matéria orgânica que confere "resiliência" ao pasto, permitindo às plantas suportar altas lotações. "Essa prática faz parte do que chamamos de manejo holístico da pastagem, uma das bases da pecuária regenerativa, que considera a integração solo-planta-animal", explica Aline, que, há seis anos

Keyline, a técnica que garante água o ano inteiro

O "gerenciamento holístico" presente na forma de manejar a pastagem dentro da pecuária regenerativa também está presente na relação com os recursos hídricos. A função desempenhada pela água não se resume à dessedentação dos animais, mas à manutenção da umidade, infiltração no solo para não causar erosão e recarga de lençóis freáticos. Especialista no Keyline, técnica australiana que preconiza a maximização dos recursos hídricos dentro da propriedade, o engenheiro Marcos Spinella coordenou a construção de canais que interligam cacimbas/represas e percorrem toda a propriedade.

Há dois modelos: um foi construído na vazante de uma das represas. A água que antes caía no córrego e seguia para além dos limites da fazenda, agora entra pelo canal e percorre 5 km, passando pelas cacimbas. No final do trajeto, a água cai noutro canal, situado um pouco mais abaixo, e percorre mais 5 km no mesmo sentido, porém em direção contrária, até desembocar no córrego. "A água fica na fazenda por mais tempo. Assim abastecemos o lençol freático. Já notamos o surgimento de algumas nascentes, nos pontos em que lençol é mais próximo da superfície e a água aflora", conta Spinella.

O outro modelo é destinado a captar as águas pluviais. Como as chuvas são concentradas na região, o solo muitas vezes não conseguia absorver água de uma só vez, que escorria pela superfície e chegava rapidamente ao córrego. Para aproveitar melhor o recurso, Spinella construiu os canais nas áreas de pastagem, a começar pelos pontos mais altos da propriedade. "A água perde a velocidade e vai 'serpenteando' por toda a fazenda, se infiltrando ao longo do percurso. Estrategicamente ligamos esses canais às nossas represas, aumentando a área de captação", diz. Em seis anos de implantação da Keyline, a fazenda não tem mais problemas de falta d`água. "Terminamos essa seca com todas nossas represas cheias", afirma.



não faz correção ou adubação química de pastagens na fazenda, exceto quando planta nova forrageira. "O gado faz esse trabalho pra gente. Nossa proposta é criar um sistema fechado, autônomo, que se retroalimente", frisa.

Qualquer animal se adapta ao pastejo não seletivo? "Esse tipo de manejo pede um bovino mais rústico e adaptado. Quando começamos, após duas semanas tivemos de tirar alguns animais do grupo, porque eles não conseguiam manter seu escore corporal", explica Aline. Outra pergunta: *como se faz para garantir acesso à água no pastejo ultradenso em faixas?* Quando eles estão comendo o capim dos pastos que dão para a represa, a questão está resolvida. Nas faixas internas, o acesso é garantido por meio de corredores feitos com cerca elétrica, sem passar pelos piquetes já pastejados. "Usamos também o sistema Keyline, para aumentar a distribuição de água na propriedade (*veja quadro à pág. 50*) e estamos montando um projeto para bebedouros artificiais nos 400 ha que serão incorporados ao pastejo ultradenso", diz Marcos.

Como é o manejo de águas e seca? "Nas águas, precisamos reduzir os lotes para fazer o manejo de IATF. Trabalhamos com quatro grupos de matrizes: um de novilhas, um de vacas por parir e dois de vacas paridas, multíparas e primíparas misturadas, para evitar o abandono dos bezerros pelas jovens mães, que ainda são inexperientes. Os lotes são compostos por até 400 matrizes, número máximo de fêmeas que conseguimos inseminar por dia. Após a confirmação da prenhez, elas são reunidas em lotes de até 800 animais e manejadas nos sistema "denso". No desmame, os bezerros são vendidos e as bezerras mantidas para reposição do plantel. Na seca, faizemos, neste ano, o manejo ultradenso, para administrar mlhor a oferta forrageira. Somente as fêmeas de recria receberam feno. Nas águas, sobra pasto e às vezes preciso usar rolo-corrente para cortar o capim que sobra, criando a palhada que o gado faz naturalmente. Nossa estação de monta vai de março a maio, pois os índices são melhores nesse período (65% na IATF, ante 45% em outubro)".

Segundo o casal, tudo na fazenda é pensado de forma holística. Isso significa submeter qualquer decisão ao crivo de um sistema. "Se preciso combater a mosca dos chifres, por exemplo, escolho um produto que agrida menos o ambiente. Se distribuo água na fazenda, tenho solos mais férteis, mais capim. Tudo é interconectado", salientam.



ARQUIVO AGROPECUÁRIA KEHRLE

Contraste entre o pasto já consumido pelo "lotão" e o próximo piquete a ser pastejado

Silvipastoril regenerativo

Proprietário da Fazenda Triqueda, em Coronel Pacheco, na região da Zona da Mata Mineira, o criador Leonardo de Oliveira Resende também faz constante "releitura de seu processo produtivo". Defensor apaixonado da integração pecuária-floresta (IPF), que pratica desde 2004 para melhorar a rentabilidade de sua fazenda, Resende foi um dos idealizadores do Projeto Pecuária Neutra e Regenerativa, que se propõe mitigar as emissões de CO_2eq da pecuária, por meio de sistemas silvipastoris. O projeto pioneiro, lançado em 2016, é conduzido em parceria com os produtores Elieser Lima Gonçalves, da Fazenda Real, em Juiz de Fora, MG; Filippo Leta, da "As Pashto", do Rio de Janeiro, RJ; e Bruno Junqueira de Andrade, dono da Fazenda Bugre (Prata, MG), que é detentor da marca de carne GranBeef, primeira no País a estampar o selo "Pecuária Neutra". Resende e Gonçalves vendem bezerros para Andrade, que faz a recria/engorda, terceiriza o abate e vende os cortes.

Pelo trabalho que desenvolvem, as Fazendas Triqueda e Bugre foram incluídas pela ONG FoodTank, dos EUA, na lista das 28 propriedades mais inovadoras do mundo em pecuária sustentável. Leonardo Rezende incorporou o termo "pecuária regenerativa" a seu projeto após estudar bastante os conceitos do sistema, que, segundo ele, respeita cinco grandes pilares: o ciclo da água, o ciclo do carbono, o balanço de energia, a dinâmica de nutrientes e a dinâmica dos macro e microorganismos. Na opinião de Resende, o olhar sobre a pecuária deve ir além da genética, nutrição e sanidade. "Temos de entender também de solo, matéria orgânica e água. Potencializar os ciclos naturais depende de uma visão holística da atividade; não está dentro de um pacote tecnológico", pontua.

Para o produtor, embora as ideias de Savory tenham sido forjadas para reverter processos de desertificação, podem ser aplicadas para combater dois problemas crônicos da pecuária brasileira: a baixa taxa de lotação e a de-



FAZENDA TRIQUEDA

Fazenda Triqueda adota vários princípios da gestão holística

FAZENDA TRIQUEDA



Projeto silvipastoril da Triqueda

gradação de pastagens, problema que já atinge, segundo estimativas, mais de 90 milhões de ha. Resende não adota o manejo ultradenso, como Aline Kehrle, mas usa outros conceitos de Savory, como a planilha de pastejo. "A partir de um diagnóstico holístico, planejo o pastejo respeitando as estações do ano, fases da pastagem (crescimento e estagnação) e o contexto de cada piquete", diz.



"O olhar sobre a pecuária deve ir além da genética, nutrição e sanidade"

Leonardo Resende, da Fazenda Triqueda

Planilha de pastejo

Dedicando-se à atividade de cria, Resende tem um rebanho pequeno, de apenas 150 matrizes, mantidas em 110,25 ha de pastagem. Há dois módulos: um de 98,5 ha, dividido em 11piquetes, destinado às vacas prenhes e paridas e outro com 11,75 ha, dividido em 5 piquetes, reservado às fêmeas de recria. O produtor estabelece alturas do capim para entrada e saída dos animais, mas diferentemente de um rotacionado tradicional, como o Voisin, o manejo é dinâmico e o tempo de permanência nos piquetes pode ser modificado. "Determinamos a altura ideal pensando no ecossistema. Talvez, a melhor eficiência de pastejo preconizada por instituições de pesquisa traga o melhor desempenho animal, mas deixa o solo mais exposto, com menos matéria orgânica. Não é o que buscamos", salienta.

Funciona assim: na planilha é feito um plano de pastejo para as águas e outro para a seca. São estabelecidos quantos dias o lote permanecerá de acordo com o tamanho do piquete. Após a saída dos animais Resende faz observações, como, por exemplo, se sobrou capim, se passou do ponto, se o pasto está sujando e, por isso, deve ser preservado na próxima rodada de pastejo. "É um relatório gerencial que me permite ter um programa contínuo de melhoria", diz. Para Resende, esse acompanhamento do sistema de pastejo funciona como um PDCA (do inglês *Plan-Do-Check-Act ou Adjus*t), ou seja, Planejar, Fazer, Avaliar e Ajustar. "É uma ferramenta muito simples e dinâmica de gestão à vista", complementa.

Se o tempo de pastejo pode ser constantemente revisto, o de descanso dos piquetes é fixo. "Nas minhas condições de Mata Atlântica, e com a pluviosidade média da minha região, estabeleci um período de descanso dos piquetes de 30 dias durante o verão e o dobro de tempo no inverno", diz. Segundo Resende, se a leitura do microecossistema produtivo for feita de forma sistemática e assertiva, é possível explorar seis ciclos de crescimento durante os meses mais quentes e úmidos (fase de crescimento) e três nos meses mais frios e secos (fase de estagnação). "A cada ciclo de crescimento bem manejado, mais matéria orgânica é depositada no solo, o que diminui a velocidade de escoamento da água da chuva, potencializando a taxa de infiltração e a recarga do lençol freático", afirma.

Selo de pecuária regenerativa

Há um protocolo pronto de sua autoria para fazendas que desejem estampar o selo de "pecuária regenerativa" em seus produtos e/ou derivados, tais como: carne, leite, madeira, mel, dentre outros. No total são dez "indicadores para manejo regenerativo" a serem avaliados, de vitalidade das forrageiras a processos erosivos, numa escala que varia de 0,10 a 1. Se a propriedade, por exemplo, utiliza agrotóxicos num intervalo inferior a dois meses, recebe 0,25 de pontuação. Caso a ocorrência de plantas indesejáveis ou espécies invasoras for mínima (inferior a 5%), a nota é máxima. Para obtenção do selo, a fazenda deverá apresentar aproveitamento de 70% na auditoria de avaliação. Vale ressaltar que, caso as análises de solo, que devem ser feitas para monitoramento num intervalo de cinco anos, comprovem uma fixação adicional de carbono no solo maior do que o equivalente à emissão de metano pelos animais, a fazenda também receberá o selo de "Pecuária Neutra". ■

